



Editorial

Economia Azul

O conceito de economia azul tem vindo a agitar-se nos últimos anos, à medida que as sociedades de todo o mundo lutam por formas mais sustentáveis, responsáveis e equitativas de utilizar os recursos do nosso planeta.

No artigo principal desta edição da Educo Energia Moçambique Newsletter, exploram-se as profundezas da economia azul para descobrir o seu significado, princípios, desafios e oportunidades, a partir da nossa experiência acumulada e vários estudos sobre a Economia Azul.

É imperativo reavaliar a relação que temos com os oceanos e seus vastos ecossistemas que sustentam uma biodiversidade incomensurável e que desempenham um papel central na economia global.

A proposta da economia azul surge como uma resposta inovadora e necessária aos desafios das mudanças climáticas e busca equilibrar o desenvolvimento económico com a protecção ambiental, assegurando, assim, a saúde dos oceanos para as futuras gerações.

A economia azul inclui pesca sustentável, turismo marinho, aquicultura e biotecnologia marinha. Em vez de considerar essas atividades como mutuamente exclusivas, a economia azul as une em torno de um objectivo comum: gerar renda enquanto promove a conservação dos ecossistemas marinhos. A

pesca sustentável, por exemplo, é essencial para garantir a continuidade das populações de peixes, permitindo que as comunidades costeiras continuem a encontrar nos oceanos uma fonte de alimento e sustento, sem comprometer a biodiversidade.

Além de representar um modelo de desenvolvimento económico, a economia azul também oferece uma oportunidade para preservar a biodiversidade marinha, um pilar essencial para a saúde dos ecossistemas e a resiliência das comunidades que deles dependem.

A Organização das Nações Unidas estima que o modelo da economia azul pode gerar trilhões de dólares em receita, especialmente em países em desenvolvimento, muitos dos quais ainda não exploraram a-

dequadamente seus recursos oceânicos. Nesse contexto, surgem oportunidades para a criação de uma abundância de empregos nas áreas costeiras, abrangendo desde pescadores e guias turísticos até profissionais dedicados à conservação e à pesquisa, todos interligados pela busca da sustentabilidade.

A economia azul pressupõe também o uso de tecnologias que contribuam na produção e uso de energias renováveis a partir das ondas, farmas flutuantes de energia solar e a energia eólica *offshore*.

A sinergia entre a economia azul e as energias renováveis fortalece ambas as frentes e intensifica a luta contra as mudanças climáticas enquanto promove um desenvolvimento mais sustentável.

Um dos desafios mais urgentes

que Moçambique enfrenta é a vulnerabilidade às mudanças climáticas, experimentando eventos climáticos extremos, com cada vez maior frequência e intensidade, devido a sua localização ao longo da Costa do oceano Índico. Por isso, a adoção de uma abordagem voltada para a sustentabilidade dos oceanos é não apenas uma oportunidade, mas uma necessidade.

Esta é a chave para alcançar o Objectivo de Desenvolvimento Sustentável 14, Vida Submarina, da Agenda 2030 da ONU. Uma economia azul sustentável permitirá à sociedade obter valor dos oceanos e das regiões costeiras, respeitando simultaneamente a sua capacidade a longo prazo de regeneração e de restauração da saúde dos ecossistemas. ■

O que é economia azul?



Imagem: Portal Sustentabilidade

Por Darian McBain*

A economia azul, ou economia oceânica, é um termo utilizado

para descrever as actividades económicas associadas aos oceanos e mares. O Banco Mundial define a economia azul como a

“utilização sustentável dos recursos oceânicos para beneficiar as economias, os meios de subsistência e a [\(cont. pag. 3\)](#)

Publicidade

VISITE NOSSO SITE

Visite nosso site e assine nosso newsletter para receber conteúdos exclusivos e atualizações sobre energias. Fique por dentro das novidades!



Acesse e confira:
www.energia.educo.co.mz



(cont. d. pag. 1) saúde dos ecossistemas oceânicos”.

As actividades comumente entendidas como representativas da economia azul incluem o transporte marítimo, a pesca e a aquacultura, o turismo costeiro, as energias renováveis, a dessalinização da água, a cablagem submarina, as indústrias extractivas dos fundos marinhos e a mineração em águas profundas, os recursos genéticos marinhos e a biotecnologia.

Estima-se que a economia azul valha mais de 1,5 biliões de dólares norte-americanos por ano a nível mundial. Proporciona mais de 30 milhões de empregos e fornece uma fonte vital de proteínas a mais de três mil milhões de pessoas.

Embora tenha sido eclipsado nos últimos anos por um maior foco na “economia verde” (isto é, o papel das actividades principalmente terrestres na transformação económica necessária para a transição para um futuro de baixo carbono), um interesse renovado na economia azul (também por vezes referida como “crescimento azul”) é indicada pela previsão da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) de que a economia oceânica poderá duplicar de tamanho para 3 biliões de dólares até 2030.

Existe também um investi-

Publicidade

mento crescente por parte dos governos e das empresas em soluções baseadas na natureza para as alterações climáticas proporcionadas pelos oceanos. Estas incluem o sequestro de carbono, a protecção costeira, a conservação da biodiversidade e a gestão de resíduos.

Como é que os oceanos contribuem para o desenvolvimento sustentável?

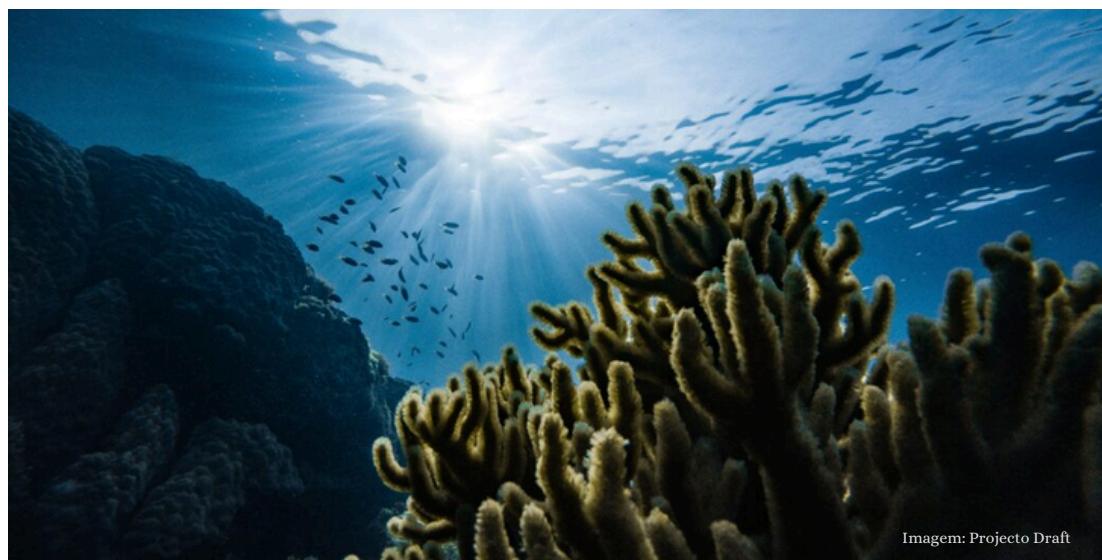


Imagem: Projecto Draft

Existe um Objectivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) dedicado aos oceanos: o número 14, ‘Vida Abaixo da Água’ visa conservar e utilizar de forma sustentável os oceanos, mares e recursos marinhos. Estabelece sete metas para uma economia oceânica sustentável até 2030. Até ao momento, os progressos no sentido de alcançar estes objetivos têm sido limitados. Registaram-se algumas pequenas melhorias na susten-

tabilidade das pescas e uma expansão das Áreas Marinhas Protegidas (AMP), mas estas apenas cobrem cerca de 7,5% dos oceanos.

Como são governados os oceanos?

A governação dos oceanos e da economia azul é complexa e potencialmente difícil de implementar, o que levou a abordagens fragmentadas à partilha

dos recursos marinhos entre as nações e impediu a compreensão dos impactos ambientais da economia azul. As regulamentações relacionadas com o oceano aplicam-se às Zonas Económicas Exclusivas (ZEE), que incluem as águas territoriais, os arquipélagos e a área marítima que se estende por 200 milhas náuticas a partir das costas dos países. A restante área é designada por Alto Mar (ou “oceano aberto”) e re-

Em Março de 2023, foi alcançado um acordo histórico nas Nações Unidas para um Tratado de Alto Mar que visa colocar 30% dos oceanos do mundo em AMPs para proteger a vida selvagem e garantir a igualdade de acesso aos recursos genéticos marinhos. Atribui também mais fundos à conservação marinha e significará novas regras para a mineração em alto mar. O Tratado estabelece-

rá uma Conferência das Partes (CoP) para os oceanos, na mesma linha que as COP do clima e da biodiversidade.

Como podem as acções nos oceanos beneficiar o clima?

Sabemos que os oceanos desempenham um papel importante na regulação da temperatura da Terra, na absorção de dióxido de carbono e no apoio à biodiversidade e aos meios de subsistência. Mas (cont. pag. 5)



EDUCAMOS E COMUNICAMOS COM ENERGIA

MISÃO

Ser uma empresa de alto nível comprometida com a qualidade de vida.

VISÃO

Oferecer serviços de qualidade que contribuam para o desenvolvimento do País.

VALORES

Integridade e honestidade • Respeito à vida e ao meio ambiente
• Inovação • Transparência • Ética • Qualidade

O Projecto EDUCO - Energia Moçambique é um produto da EDUCO com o objectivo de transmitir ao público em geral, jovens e crianças, o uso racional de energia, bem como transmitir conhecimento, princípios e valores. Visa também promover a Educação Ambiental, respeitando os princípios da cidadania, prevenção e precaução.

Publicidade



**2º SEMINÁRIO
DE ENERGIA E CLIMA
DA CPLP** 30 Outubro
Praia, Cabo Verde
FUNDOS CLIMÁTICOS

Data

30 de Outubro de 2024

Localização

Praia, Cabo Verde

[Inscrever](#)

Sabias que?

O papel do ferro na vida marinha

Você já parou para pensar no que faz o oceano funcionar tão bem? Um dos segredos está num micronutriente muito especial: o ferro! Esse mineral é como uma supervitamina para o fitoplâncton, uma pequena alga que serve de alimento para muitos seres marinhos.

Sem o ferro, a fotossíntese e a respiração celular dessas algas ficariam comprometidas, e o impacto na cadeia alimentar seria significativo. É aí que entra a poeira do deserto do Sahara.

Imagine só: ventos fortes levantam partículas do solo árido do norte da África e as carregam numa longa viagem pelo ar até o Oceano Atlântico.

Essas partículas estão cheias de ferro, mas não é só despejar a poeira no mar que resolve tudo. O ferro precisa passar por uma transformação durante o trajeto, tornando-se mais fácil de ser absorvido pelos organismos marinhos.

Poeira do Sahara é fundamental para a vida no Oceano, revela estudo

Você sabia que a poeira do deserto do Saara, um dos lugares mais secos do mundo, ajuda a manter a vida nos oceanos? Pequenas partículas, cheias de ferro, são carregadas pelos ventos do norte da África até o Oceano Atlântico, numa longa viagem. Um estudo recente, feito por cientistas de universidades da Califórnia, Flórida, Leeds e Rutgers, mostrou que além de levar nutrientes para o oceano, a poeira também funciona como um fertilizante natural!

As descobertas foram publicadas na revista *Frontiers in Marine Science*.

(cont. d. pag. 3) estamos apenas a começar a reconhecer até que ponto a economia azul tem impacto nas alterações climáticas.

O Painel de Alto Nível para uma Economia Oceânica Sustentável estima que a economia oceânica pode proporcionar 21% das reduções de emissões de gases com efeito de estufa ne-

cessárias para cumprir a meta do Acordo de Paris de limitar o aumento médio da temperatura global a 1,5 °C até 2050.

Sugere também que um aumento significativo O aumento da produção sustentável de alimentos a partir dos oceanos (frequentemente designados por “alimentos azuis”, e incluindo a pesca, a aquacultura

de algas e peixes e a maricultura) poderá satisfazer as exigências de uma população global crescente e reduzir a pressão sobre os sistemas alimentares terrestres.

Os benefícios climáticos positivos também podem ser gerados através do financiamento oceânico (ou “financiamento azul”) – as ferramentas finan-

ceiras e o investimento necessário para alcançar uma economia oceânica sustentável – através do qual cada dólar investido em acções oceânicas poderia devolver 5 dólares em benefícios. ■

** Darian McBain é Directora de Sustentabilidade (CSO), consultora e membro do conselho com experiência global. É uma especialista, oradora e autora reconhecida mundialmente.*

Tradução da responsabilidade do Editor

Como podemos combater a pobreza energética em África?



Imagem: Perú Renewable

cação e o crescimento económico. Combater a pobreza energética em África é fundamental para melhorar a qualidade de vida e para promover o crescimento económico em todo o continente. Para o fazer será necessária uma transição energética justa que coloque ênfase na segurança, disponibilidade e acessibilidade energética, bem como na sustentabilidade.

A escala da pobreza energética em África

Apesar das melhorias no acesso global à energia, cerca de 600 milhões de pessoas na África Subariana não têm acesso à electricidade — quase 80% do total mundial. Isto limita o seu acesso à informação e à comunicação e obriga-os a depender das fontes tradicionais de combustível (cont. pag. 7)

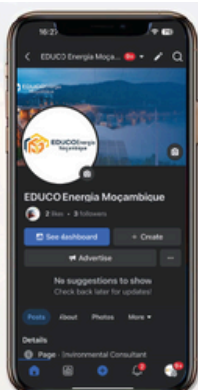
Melhorar o acesso à energia é uma componente crítica na luta para combater a pobreza, como sublinha o sétimo Objetivo de Desenvolvimento Sus-

tentável da ONU: Garantir o acesso à energia acessível, fiável, sustentável e moderna para todos até 2030. Apesar disso, milhões de pessoas nas regiões sub-regiões a África Sa-

hariana não têm acesso à electricidade.

Isto representa um grande desafio para o continente, com consequências negativas significativas para a saúde, a edu-

Publicidade



Você já acessou nossas redes sociais?

Fique por dentro de notícias, novidades e conteúdos da Educo Energia.



educoenergiamocambique



educoenergiamocambique

Publicidade





ELECTRICIDADE
DE MOÇAMBIQUE, E.P.

PRÉMIO DE JORNALISMO EDM 2024

TEMA ELEGÍVEL:

**TRANSPARÊNCIA E ÉTICA NA IMPLEMENTAÇÃO
DE PROJECTOS DE ELECTRIFICAÇÃO NACIONAL**

Trabalhos Publicados no Período entre 01 de Janeiro de 2024 e 15 de Outubro de 2024

Categoria do Prémio

- Grande Prémio de Rádio
- Grande Prémio de Televisão
- Grande Prémio de Imprensa
- Grande Prémio de Imagem
(Fotojornalismo e Vídeo-reportagem)

Premiação para cada Categoria

1º Classificado - 200.000,00 Mt
2º Classificado - 150.000,00 Mt
3º Classificado - 100.000,00 Mt

Nota: À Categoria de Imagem será atribuído o prémio apenas ao 1º classificado, o valor de:

a) 175.000,00 MT - Fotojornalismo;
b) 175.000,00 MT - Vídeo-reportagem.

**Submissão dos Trabalhos
de 01 Maio de 2024 a 30 de Outubro de 2024**

concurso.jornalismo@edm.co.mz
Local: Av. Agostinho Neto, Nº 70 – 6º andar.
Electricidade de Moçambique, E.P.
Gabinete de Comunicação e Relações Institucionais

CÓDIGO QR
PARA O REGULAMENTO



www.edm.co.mz

Iluminando a Transformação de Moçambique 

(cont. d. pag. 3) para cozinhar e aquecer, o que provoca a poluição do ar interior. Limita também o crescimento económico de África: níveis mais elevados de PIB estão fortemente correlacionados com a utilização, acesso, fiabilidade e acessibilidade da electricidade,

Como combater a pobreza energética em África

Existem muitas razões para o mau estado do acesso à energia em África, incluindo a falta de capacidade de produção, centrais eléctricas envelhecidas, serviços públicos mal geridos e falta de capital acessível. Combater a pobreza energética em África exige abordar estas questões e aumentar não só o acesso à electricidade, mas também o fornecimento. Actualmente, o continente consome uma quantidade muito pequena de energia per capita: embora África albergue quase 17% da população mundial, a sua quota na produção global de electricidade manteve-se em cerca de 3% desde o início da década de 2000. O aeroporto de Heathrow, em Londres, consome mais energia do que todo o país da Serra Leoa.

A exploração das vastas reservas inexploradas de gás natural



Imagem: Intea Corp

de África é vital para garantir o fornecimento constante de energia de base às pessoas e à indústria. O gás natural também sustenta a integração de energias renováveis intermitentes na rede. O aumento da produção de energia renovável em África também melhorará o abastecimento e o acesso. A AIE estima que alberga 60% dos melhores locais solares potenciais em todo o mundo. Actualmente, toda a capacidade solar instalada do continente é aproximadamente equivalente à da Bélgica. Existem também oportunidades para

aumentar a energia hídrica e eólica em muitos países africanos, o que pode ajudar a diversificar o fornecimento de energia e aumentar a segurança energética.

A transição energética

Aumentar o fornecimento e o acesso à energia exige um investimento significativo por parte dos sectores público e privado em África. A AIE estima que para atingir a meta de acesso universal à electricidade serão necessários investimentos anuais de 30 mil milhões de dólares até 2030, dos quais cer-

ca de 20 mil milhões de dólares seriam utilizados na África Subsariana.

O apoio dos governos, bancos e agências será vital para garantir que o acesso à energia é eficaz no continente. No entanto, muitas instituições financeiras multilaterais já não disponibilizam financiamento para projectos relacionados com o gás natural ou outros combustíveis fósseis, mesmo quando abordam a pobreza energética. Alguns projectos renováveis receberam recentemente financiamento, como o Programa Desert to Power do Banco Africano de Desenvolvimento, por exemplo. Este projecto visa proporcionar o acesso à electricidade a 250 milhões de pessoas através de um projecto de interligação eléctrica na região do Sahel. A Power Africa, uma parceria público-privada internacional liderada pelo governo dos EUA, pretende estabelecer 60 milhões de novas ligações eléctricas. O futuro energético de África pode ser risonho, mas as partes interessadas devem considerar como criar estratégias e políticas que não deixem ninguém para trás. ■

Fonte: www.ief.org

Bióloga moçambicana Denise Nicolau integra programa internacional da conservação

A moçambicana Denise Nicolau integra a lista de seleccionados da segunda edição do programa RE.GENERATION da Fundação Príncipe Alberto II do Mónaco.

Numa publicação da Radio France Internationale (RFI), Denise Nicolau, afecta à União Internacional para a Conser-

vação da Natureza, falou do seu trabalho na protecção do Oceano Índico e na missão da Grande Muralha Azul, destacando o seu contributo na protecção do ambiente e na construir um futuro sustentável.

Segundo a bióloga moçambicana é “um grande orgulho” poder integrar este programa

da Fundação Príncipe Alberto II do Mónaco.

“Quando fui seleccionada, foi uma grande surpresa. Eu sabia que estava a concorrer com, pelo menos, mais de 100 potenciais candidatos. Deí um pulo! Representa, de facto, um momento muito importante, é a primeira oportunidade de fa-

zer um mergulho profundo naquilo que é a minha identidade e naquilo que eu acho que são as ferramentas ou a chave para o meu desenvolvimento pessoal e também o desenvolvimento de carreira”, afirmou a bióloga moçambicana. ■

Mudanças climáticas fazem jovens adotarem nova forma de consumo

Entre as principais preocupações dos jovens, os eventos extremos já afetam as decisões de compra e carreira da geração Z e dos millennials, que agora vivem entre a 'ecoansiedade' e o consumo verde

Por

Andrea Vialli

— Para o Valor, de Salvador

As mudanças climáticas estão no topo das preocupações da geração Z e dos millennials no Brasil, mais do que no restante do mundo - o que já influencia seus hábitos de consumo e decisões de carreira na direção de atitudes mais verdes. Entre 77% dos nascidos entre 1983 e 1994 (millennials) e 68% da geração seguinte (Z) há disposição para pagar mais por produtos e serviços ambientalmente sustentáveis, enquanto a média global é de 63% e 64%, respectivamente. E cerca de 6 de cada 10 consumidores dessas gerações no Brasil afirmam pressionar as empresas em que trabalham a tomar medidas para combater o aquecimento global, contra média mundial de 48% entre os millennials e 54% na geração Z.

Os dados são da pesquisa "Gen Z and Millennial Survey 2024", realizada pela Deloitte com mais de 14 mil pessoas em 44 países. O estudo mapeou a adesão a comportamentos de menor impacto ambiental, como evitar comprar roupas em lojas "fast fashion", reduzir viagens de avião, adotar dietas vegetarianas ou veganas e pesquisar o impacto ambiental das empresas antes de contratar serviço, comprar produtos ou se candidatar a vagas de emprego.

A pesquisa comprova que a sustentabilidade continua entre as prioridades das duas gerações, mesmo diante de

Cresceu em dois pontos percentuais sobre o ano passado, para 62% na genZ e 59% entre os millennials (59%), aqueles que se sentiram preocupados ou ansiosos com as mudanças climáticas no último mês.

pandemia de covid-19, instabilidade geopolítica, inflação e transformações tecnológicas que impactam o mundo do trabalho. É uma preocupação pessoal que consistentemente pesa muito sobre as duas gerações.

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE:	EDUCO – Educação e Comunicação
Presidente:	Jamisse Taimo
Director:	Tomás Jane
Administrador:	Inguila Sevene
Director Editorial:	Gil Lauriciano
Maquetização:	Fernando Arlindo
Grafismo:	Mauro Romão
Revisor:	Francisco Júnior
Relações Institucionais:	Sérgio Mathe
Colaboradores:	Cacilda Zavala e Sheila Tovela

REDACÇÃO: EDUCO - Educação e Comunicação
DISP.REG. N5 GABINFO/DEC/2008

Telefone: +258 86 250 0367 | 84 308 9820

E-mail: educoco@educoco.mz | inguila.sevene@educoco.mz

Website: www.energia.educo.co.mz

Endereço: Rua da Sé nº 114, Maputo Hotel Rovuma 6º andar porta 605

Publicidade

PRODUTOS E SERVIÇOS



- Formação Profissional;
- Consultoria de Comunicação;
- Edição de livros;
- Consultoria na área de Educação;
- Organização de Cursos de Curta Duração;
- Organização de Conferências e Eventos;
- Acessória de Imprensa;
- Gestão Imobiliária;
- Estratégias de Comunicação;
- Produção e Edição de Conteúdos;
- Produção e Edição de Vídeos e Reportagens;

EDUCAMOS E COMUNICAMOS COM ENERGIA

veja mais em: www.energia.educo.co.mz